

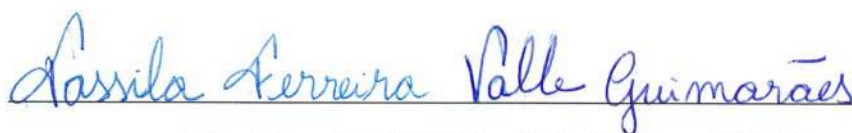
PALOMA CAROLINE TELES DA SILVA

**A VISÃO SOBRE O CASAMENTO E A VIDA SOCIAL DAS MULHERES EM
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB),
como critério parcial para a obtenção da graduação no curso de Letras Língua Inglesa e
Literaturas.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a M.^a Tassila Guimarães - (UNEB)



Prof.^a Dr.^a Ilmara Valois - (UNEB)



Prof.^a Esp. Paulo Henrique Santos Nunes - (Faculdade Jardins/PEC)

Santo Antônio de Jesus

2022

PALOMA CAROLINE TELES DA SILVA

**A VISÃO SOBRE O CASAMENTO E A VIDA SOCIAL DAS MULHERES EM
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

Santo Antônio de Jesus
2022

PALOMA CAROLINE TELES DA SILVA

**A VISÃO SOBRE O CASAMENTO E A VIDA SOCIAL DAS MULHERES EM
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN**

Artigo científico elaborado com vista ao Trabalho de Conclusão do Curso de Letras: Língua Inglesa e Literaturas, do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação da professora Tassila Guimarães

Santo Antônio de Jesus
2022

A VISÃO SOBRE O CASAMENTO E A VIDA SOCIAL DAS MULHERES EM ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN

RESUMO

O artigo presente irá fazer um estudo sobre o papel da mulher na sociedade nos séculos XVIII e XIX. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada na obra literária – *Orgulho e Preconceito* - de Jane Austen, cujos resultados apontam a vida da mulher e suas relações na sociedade, no seio familiar e no casamento daquele tempo.

Palavras-chave: sociedade; romance; Orgulho e Preconceito; Jane Austen

ABSTRACT:

This article will make a study on the role of women in society in the eighteenth and nineteenth centuries. This is a literature based on the literary work - *Pride and Prejudice* - Jane Austen, whose results show the lives of women and their relationships in society, in the family and marriage that time.

Key words: Society; romance; *Pride and Prejudice*; Jane Austen

INTRODUÇÃO

O presente artigo acadêmico tem por objetivo apresentar a visão do casamento segundo o olhar da escritora britânica Jane Austen, em um período em que o auge de uma mulher era a obtenção de um bom casamento, para que pudesse viver bem. Jane Austen foi uma escritora inglesa nascida em Steventon, Inglaterra, 16 de dezembro de 1775. A ironia que ela usa para descrever os personagens do romance a colocou entre os cânones, pois ainda hoje suas obras são consideradas objetos constantes de pesquisa acadêmica, atingindo um leque muito amplo de leitores. De uma família pertencente à nobreza agrária, sua situação e ambiente serviram de contexto para todas as suas obras, cujo tema gira em torno do casamento da protagonista. A inocência das obras de Austen é apenas aparente, e pode ser interpretada de várias maneiras.

É sabido que as mulheres durante séculos foram dominadas por homens, proibidas de trabalhar fora de casa, dedicando-se apenas ao trabalho doméstico. Bem longe disso, as mulheres das elites tinham a função de cuidar dos filhos e da casa. O casamento também é um tipo de coação, pois elas não têm o direito de escolher com quem se casar. Além disso, a virgindade é um símbolo de seu caráter e, como não tinham direito a uma educação, estão sempre em posição de inferioridade e dependência. Mas, aos poucos, eles começaram a questionar essas diretas e obrigações estritas no que viria a ser conhecido como feminismo. É esse tipo de observação que o feminismo literário, teoria utilizada neste artigo, propõe, ou seja, a análise de obras literárias para entender se a representação de personagens femininas tem caráter de submissão ou rebeldia pelos padrões da época.

Temos como objetivo observar como as personagens protagonistas de um de seus romances, *Orgulho e Preconceito*, lidam com o tema em questão, de que forma se comportavam em relação ao patriarcado e como as personagens secundárias reagem às imposições sociais. Procura-se observar como personagens de meios diferentes se adequam ou não ao que era imposto para as mulheres em termos de casamento, relações amorosas e submissão familiar.

O procedimento a ser utilizado é de pesquisa qualitativa, entre outros, empregando a análise literária cultural para apreender as funções atribuídas às mulheres ao longo do fim do século XVIII e início do século XIX, bem como o modo como a literatura reflete estas obrigações. Haverá um levantamento histórico sobre o papel da mulher, com foco no fim do século XVIII e início do XIX, seus direitos e deveres, para depois realizar um levantamento teórico sobre o papel da mulher na literatura, o modo como o aspecto das personagens da autora evoluiu, conforme as mulheres passaram a escrever mais. Ao fim, serão extraídos alguns trechos do romance sobre o tema em foco para analisar os discursos diferenciados em jogo.

Deste modo, na primeira seção deste artigo faremos um passeio histórico sobre história da mulher. Em seguida, iremos analisar os vários discursos que em certa época conferiram um caráter científico e natural aos papéis da mulher, fazendo uma comparação literária com outra obra da autora que aborda o tema casamento. Num terceiro momento, vamos abordar o discurso da obra *Orgulho e Preconceito* da autora Jane Austen.

A TRANSIÇÃO DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO E SEU EFEITO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Antes da chegada da Revolução Industrial, a sociedade britânica vivia sob o sistema do regime feudal. O feudalismo é reconhecido pela economia de trocas naturais, uma sociedade estática e poder político descentralizado. A economia feudal era fechada, sem mercados externos, pois no feudalismo a produção era destinada apenas para consumo local.

As regras de trabalho eram totalmente de submissão, pois os servos deviam obrigações aos seus senhores. Além disso, os servos eram a mão de obra típica do sistema feudal, sendo assim, eles estavam “presos” à terra que cultivavam e eram proibidos de abandoná-la. Embora eles não tivessem liberdade, não eram considerados escravos, pois eles tinham o direito de trabalhar um pequeno terreno próprio e ter sua casa, além de receber proteção dos seus senhores.

Até o final do século XV, a Inglaterra -vivia sob o regime do sistema feudal, uma economia realizada inicialmente no seio familiar. Nela, o artesão possuía os meios de produção e trabalhava com a família em sua própria casa, realizando todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima até o acabamento final, não havendo divisão do trabalho ou especialização.

Era um sistema que não almejava comércio, visava apenas atender às necessidades da população inglesa, fazendo uso da agricultura e de pequenos artesanatos, assim como também a força do trabalhador camponês. No entanto, foi a partir do século VI, que a economia foi se expandindo, deixando de ser local. Os comerciantes foram ganhando poder e passaram a fornecer produtos e a controlar a comercialização.

A família era constituída por uma rede de ligações envolvendo filiações biológicas e alianças, não apenas na aristocracia feudal, mas também nas famílias mais simples. O parentesco era definido como parentes consanguíneos e parentes por aliança até duas ou três gerações. Porém, na época medieval as redes de parentesco mais amplas foram substituídas e a família passou a ser definida pela linhagem em que as relações eram ordenadas por uma descendência direta.

Segundo Macedo (2002, p.20), o casamento era “um pacto entre as famílias”. Ou seja, era apenas para sustentar as relações sociais da comunidade. A continuidade e os interesses da linhagem eram sempre priorizados, pois esses eram os principais objetivos no matrimônio. E, por conta disso, muitas mulheres acabavam sendo abandonadas por não conseguirem ter filhos. Os autores Júnior, Gomes e Stephani (2011) observam:

Para ser reconhecida na sociedade, a mulher deveria entrar para uma família e independente das circunstâncias permanecer nela, exercendo suas obrigações para uma família ao longo de sua vida ficando enclausurada no espaço familiar: procriar e educar suas crianças, seu trabalho deveria ser apenas o doméstico (JUNIOR; GOMES; STEPHANI, 2011, p. 104).

As mulheres camponesas já casadas deveriam acompanhar seus maridos em todas as atividades desempenhadas no domínio senhorial onde trabalhavam. Além disso, quando viúvas tinham o papel de trabalhar e ensinar seus filhos

sozinhas. As mulheres aristocratas também tinham que ser donas de casa, além disso eram responsáveis por controlar e supervisionar os problemas domésticos. E, tanto as camponesas como as aristocratas eram impedidas de exercer qualquer função que fosse remunerada e dificilmente conseguiam se emancipar. As mulheres dessa época não tinham quaisquer direitos, muito menos o de escolher seu próprio marido ou quando queriam se casar.

A Revolução Industrial que teve início na Inglaterra durante os séculos XVII, XVIII e XIX, marcou o início do processo de transição da produção manual de mercadoria para o uso das máquinas, e, em poucas décadas se espalhou pela Europa Ocidental e Estados Unidos. A Inglaterra foi pioneira na Revolução Industrial, pois possuía a mais importante zona de livre comércio da Europa; o êxodo rural e a localização favorecida junto ao mar facilitavam a exploração dos mercados ultramarinos. A Revolução foi um divisor de águas na história e quase todos os aspectos da vida cotidiana da época foram influenciadas de alguma forma por esse processo.

A Revolução Industrial aconteceu primeiro na Europa devido a três fatores: 1) os comerciantes e mercadores europeus eram os principais fabricantes e comerciantes do mundo; 2) a existência de mercados em expansão para os seus produtos; 3) o contínuo crescimento de sua população e de mercados potenciais que ofereciam múltiplas demandas, além de uma reserva imensa de mão-de-obra. Foi a partir desse processo que o volume de produção e o crescimento econômico aumentaram exponencialmente.

Uma das primeiras consequências da Revolução Industrial foi o aumento da migração da população que vivia no campo para a cidade, provocando dessa forma o crescimento da população urbana e o desenvolvimento das cidades. Essa transferência de uma grande quantidade de trabalhadores rurais e sem qualificação profissional fez com que muitos ficassem em condições muito ruins de trabalho, tendo que se submeter a grandes jornadas trabalhistas. Os servos que antes seguiam o ritmo da natureza e a convocação de seu Lorde passaram a ter que obedecer a disciplina da fábrica. Sobre isso Leo Huberman (1981, p.103) ressalta: “E quando a indústria capitalista teve necessidade de trabalhadores, encontrou parte da mão de obra entre esses infelizes desprovidos

de terra, que haviam passado a ter apenas a sua capacidade de trabalho para ganhar a vida”.

Os trabalhadores passaram a ter a concorrência das mulheres e também das crianças, porque foi através desse processo da Revolução Industrial que as mulheres começaram a se inserir no mercado de produção, se transformando em força de trabalho, fazendo delas operárias. Nas indústrias têxteis as mulheres formavam mais que a metade da massa de trabalhadores e nesse período as crianças começavam a trabalhar a partir dos 6 anos de idade. Não havia segurança e nem garantia alguma contra acidentes e muito menos indenizações nesta época.

Por consequência disso, o poder econômico, social e político da burguesia empresarial ficou fortalecido, ou seja, a Revolução Industrial trouxe riqueza para os burgueses, mas os trabalhadores viviam na miséria. Com a inclusão das mulheres e das crianças no processo industrial, as indústrias apresentaram lucros maiores aos patrões, isso porque eles pagavam salários mais baixos pela força de trabalho da mulher e da criança. Assim, aquilo que poderia assegurar a sua independência e liberdade, acabou virando sinônimo de opressão e superexploração. O trabalho nas fábricas foi quase uma condição para a sobrevivência das mulheres que não faziam parte de uma classe social mais elevada, sendo assim, elas eram forçadas a deixar seus filhos sozinhos em casa ou levá-los para o seu local de trabalho.

As máquinas fizeram com que os métodos de produção ficassem mais eficientes com a introdução de novas técnicas no campo da indústria, especialmente com a descoberta da mais nova fonte de energia, a produzida pelo vapor. Os produtos passaram a ser produzidos com mais rapidez, fazendo com que os preços ficassem mais baratos e estimulando o consumo. No entanto, o número de desempregados aumentou, porque as máquinas foram substituindo, pouco a pouco, a mão-de-obra humana.

Além disso, houve também uma enorme expansão do comércio que foi favorecida pela melhoria das rotas de transportes. A utilização dos meios de transportes terrestres e marítimos fez expandir o acesso a mercados de vários

lugares distantes, gerando assim um aumento da dimensão dos mercados estrangeiros.

A Revolução Industrial foi uma mudança muito importante na história do mundo e isso trouxe algumas transformações como a diminuição do trabalho manual e aumento da produção de mercadorias manufaturadas em máquinas, a criação de grandes empresas com a utilização em massa de trabalhadores assalariados. Trouxe também o aumento da produção de mercadorias em menos tempo, maior concentração de renda nas mãos dos donos das indústrias, avanços nos sistemas de transportes à vapor, o desenvolvimento de novas máquinas e tecnologias voltadas para a produção de bens de consumo, o surgimento de sindicatos de trabalhadores com objetivos de defender os interesses da classe trabalhadora e o aumento do êxodo rural (migração de pessoas do campo para as cidades) motivado pela criação de empregos nas indústrias.

A Revolução Industrial serviu como um “pontapé” inicial para que as mulheres começassem a reivindicar melhores condições de trabalho, acesso à cultura e igualdade entre os sexos, pois naquela época elas eram submetidas a um sistema desumano de longas jornadas de trabalho e muitas vezes ainda eram espancadas e assediadas sexualmente. Então, a mulher não lutou apenas contra o capital, mas também contra os valores machistas que predominavam na sociedade e que muitas vezes estavam presentes nos próprios lares.

A inclusão das mulheres no setor de serviços e as suas condições precárias de trabalho são características do modelo econômico neoliberal e da globalização econômica. O capitalismo poderia ter representado uma forma de libertação para as mulheres, ao passo que ela pode participar do espaço público e ter maior autonomia financeira, entretanto é também sob esse sistema econômico que ela conhece uma exploração nunca antes vivenciada. No entanto, as trabalhadoras de hoje podem encontrar inúmeras possibilidades de lutar por mudanças, participar de sindicatos e movimentos políticos, mobilizando-se pela efetivação e garantia de seus direitos enquanto mulher e trabalhadora.

A HISTÓRIA DO CASAMENTO

A maioria das sociedades antigas precisava de um ambiente seguro para perpetuar as espécies, um sistema de regras para lidar com a concessão de direitos de propriedade e a proteção da ancestralidade. O sistema de casamento atende a essas necessidades, e o termo casamento pode ser usado para se referir às ações, contratos, procedimentos ou cerimônias que formam uma aliança matrimonial, normalmente definida como uma união legal entre marido e mulher. A palavra "Legal" indica algum tipo de aprovação legal, natural, evangélica ou civil, enquanto a frase "marido e mulher" significa os direitos mútuos de relações sexuais, viver juntos e união duradoura. A união entre homens e mulheres, reconhecida por autoridades ou rituais, é tão antiga quanto a própria civilização, e alguma forma de casamento existe em quase todas as sociedades. Mas, ao longo dos séculos, o casamento assumiu muitas formas diferentes.

Alianças matrimoniais e suas famílias resultantes fazem parte da realidade social e foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Durante séculos, as pessoas passaram por rituais de namoro com seus parceiros e depois foram casadas numa relação que deveria durar uma vida inteira. Uma aliança voltada para a procriação também enfrentou questões relacionadas a valores de propriedade, desapropriação de terras e acordos políticos entre nobres. O casamento na época medieval e muito além disso era essencialmente um ato de aquisição: o noivo "adquiria" a noiva, e a transação foi concluída com o pagamento de moedas de ouro ou prata.

Na maioria das vezes, o casamento era arranjado pelos pais do casal, sendo uma união forçada, que subjugava a mulher sob o domínio do homem. Historicamente, o papel do casamento como eixo da estabilidade social é mais importante do que o amor entre marido e mulher. A função do casamento é criar os filhos, transmitir valores e atuar como o núcleo econômico e organizador das tarefas diárias. No passado, um jovem casal que começou a viver junto tinha mais apoio emocional e logístico, porque tinha apoio de na rede familiar. Hoje em dia os casais remam sozinhos e vão trabalhar criar os filhos torna-se mais

complicado. Mesmo assim, o casamento tradicional ainda existe na chegada do novo milênio.

O casamento é um evento expressivo e um canal espiritual muito forte. Além do significado religioso, a festa formaliza o amor mútuo e o respeito entre duas pessoas. O casamento é, sem dúvida, um sistema que tenta padronizar e controlar comportamentos relacionados a fidelidade, trabalho e a criação dos filhos. Na Bíblia e ao longo da história, a mulher é vista como um ser promíscuo que precisa ser controlado.

Casagrande levanta esta questão:

As mulheres não podem, portanto guardar-se sozinhas; a infirma-as de sua condição, que as torna débeis e privadas de toda a firmeza, exigem que ao lado do pudor intervenham outras defesas. Os homens pais, maridos, irmãos, pregadores, diretores espirituais partilham com Deus e com os sistemas jurídicos o difícil, mas necessário encargo de guardar as mulheres; as quais, porém, afortunadamente se unem para sempre submetidas à autoridade dos seus companheiros e, portanto, prontas, se não mesmo dispostas, a suportar lhes a custódia. (CASAGRANDE, 1990, p.122)

A instituição do matrimônio durante o período medieval era, sem dúvida, fundamental para a regulação das relações políticas e econômicas bem como para a constituição do imaginário social relativo ao pecado e ao feminino. Ao regular a prática do casamento e estabelecer seus significados, a igreja ampliava seu poder sobre a população leiga, e em especial sobre as mulheres, as quais possuíam pouca influência nas decisões sobre seu destino. Optiz reflete sobre esta questão, expondo que:

A importância primordial atribuída ao casamento — como meio de criação e conservação das estruturas de poder e de propriedade — não permitia, sobretudo nas camadas sociais mais elevadas, detentoras de bens e de poder, que uma rapariga influenciasse os planos de casamento traçado pelas gerações mais velhas. Apesar do ensinamento religioso sobre o consentimento dos cônjuges, os pais, as mães, os amigos e os parentes combinavam o futuro das suas filhas, sobrinhas e netas e até os rapazes pouco mais direito tinham de falar do que as raparigas da mesma idade, sobretudo se eram os herdeiros de uma casa.” (OPTIZ, 1993, p. 362)

Do período que foi da Renascença até a Idade Moderna, as mulheres começaram a casar com um pouco mais de idade. Na França, por exemplo, passou de 22 para 26 anos durante o período compreendido entre o começo do século XVII e a Revolução Francesa. No entanto, nos países de economia mais estável, como a Inglaterra e a Holanda, a idade média era mais baixa. As mulheres da aristocracia e da classe média casavam menos do que as da classe operária, e isso se devia à questão dos dotes, cada vez mais elevados. Em famílias cuja prole era muito grande, ocorria de haver condições econômicas para casar apenas uma ou duas filhas, enquanto as demais permaneciam solteiras. Consta que, no século XVIII, mais de um terço das filhas da aristocracia escocesa ficava sem casar-se. De maneira geral, as mulheres não contraíam matrimônio com homens de posição inferior à sua. Os aspectos sociais e econômicos predominavam na escolha do cônjuge e só em alguns casos o amor se sobrepunha a esses imperativos.

JANE AUSTEN NO CENÁRIO INGLÊS: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Inglaterra, e demonstrou talento para a escrita desde a adolescência. Naquela época, as mulheres eram incentivadas a desenvolver habilidades familiares e sociais para que pudessem ser competentes no papel de esposas e mães. O comportamento de escrever não estava incluído nesta lista. Esse tipo de atividade só foi incentivado nos homens. Jane é uma mulher à frente de seu tempo e é verdadeiramente revolucionária. Mesmo vivendo a tradição do século XVIII e tendo que suportar os estereótipos existentes na época, a jovem escritora ainda privilegia a educação e independência feminina. É uma mulher racional, de pensamento crítico e obstinado, valoriza o comportamento ético, a personalidade e a atitude de uma pessoa mais do que sua aparência e posição na sociedade.

A escrita era completamente masculina, mas isso mudou um pouco. Algumas mulheres começaram a escrever, e foi isso que Jane Austen fez. Foi rejeitada no início de sua carreira, o que acabou levando-a a seguir o caminho que muitos outros seguiam para ter sucesso ou pelo menos fazer algum dinheiro,

que era o uso do pseudônimo e o seu era "A Lady". Em seus romances, as heroínas enfrentam violações impostas por regras morais e modelos sociais. Com isso, elas saem mais maduras. Austen foi capaz de construir um mundo onde ela expôs questões sociais como costumes ambientais e condições das mulheres.

Com sua habilidade de escrita inovadora, ela foi capaz de coletar recursos e estilos literários de diferentes tipologias para criar seus próprios caminhos. Jane Austen tem uma característica marcante e distinta, o que a torna uma romancista notável. Austen era a favor de a mulher exercer atividades econômicas, ser dona do seu dinheiro e de si mesma, ser responsável pelo próprio sustento e ter liberdade para tomar suas decisões e fazer suas escolhas. Embora o conceito de feminismo não fosse tão conhecido como nos dias atuais, podemos considerá-la como um exemplo de feminista na literatura inglesa. Isso porque ela defendia a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres na sociedade e esse ímpeto se reflete em todas as suas obras. Suas críticas e ironias ao papel da mulher na sociedade remontam ao seu cenário, mas continuam atuais.

Em 1811, Jane Austen intitula seu primeiro romance Razão e Sensibilidade. Nesse, a autora conta a história de duas irmãs, Elinor e Marianne Dashwood. Elinor é a mais velha de três garotas Dashwood. Ela acredita que sabe controlar suas emoções com moderação e bom senso. Já Marianne, assim como sua mãe viúva, enfia o coração na manga, vendo a falta de "sentimento" (a demonstração externa de emoção) como uma traição de suas nobres sensibilidades. Elinor acreditava na prudência, no segredo e em evitar a dor dos outros, não importa o quanto ela mesma estivesse ferida; Marianne acreditava em todos os tipos de ideias românticas, como se apaixonar e depois não conseguir se apaixonar novamente. À medida que as esperanças de amor e casamento das duas irmãs são testadas, cada uma aprende sobre as limitações e falhas de suas filosofias. Em seu leito de morte, o pai das meninas esperava que elas fossem bem cuidadas. No entanto, o meio-irmão hipócrita e a esposa gananciosa fazem o mínimo possível pela Sra. Dashwood e suas três filhas.

Com modesta renda, as mulheres mudaram-se para uma casa de campo em Devon, de propriedade de primos distantes que moravam em uma propriedade próxima. Lá, ao longo de uma série de visitas, jantares e passeios pelo campo, eles se entrelaçam em uma comédia romântica que acalma Elinor e guia Marianne em meio a turbulências emocionais.

Marianne tem esse lado emocional, então não é surpresa que quando ela conhece John Willoughby, se apaixone por seu belo salvador. Embora não seja segredo por quem Marianne está apaixonada, Elinor esconde seus verdadeiros sentimentos por Edward Ferrars, um homem mais reservado que combina perfeitamente com sua personalidade sensível. No entanto, quando Elinor descobre um segredo comovente de Edward, ela esconde suas emoções e quando seu amado vai para o sul, sua irmã tem um pequeno problema e as emoções se transformam em uma confusão.

O estilo de escrita de Jane Austen é extremamente atraente. Em sua época, os costumes sociais impediam as mulheres de discutir questões sociais e políticas. Assim, o foco está inteiramente na dinâmica humana masculina e feminina inter-relacionada. Além disso, Austen sabe tão pouco sobre o que os homens discutem entre si que em toda a sua obra não há uma cena sem uma personagem feminina.

Para os leitores modernos (tanto homens quanto mulheres), o mundo de Jane Austen é um maravilhoso mundo de fantasia tornado ainda mais maravilhoso por seu lugar em nossa história. Embora o herói e a heroína em cada um de seus romances não busquem nada além da felicidade conjugal (e talvez segurança financeira), eles não são medíocres.

A autora expõe com clareza a hipocrisia das chamadas boas famílias de seu tempo e classe. Embora os personagens do livro tenham uma aparência muito civilizada e bondosa, eles constantemente fofocam e especulam sobre a vida de outras pessoas. Eles também se julgam duramente em termos de aparência e boas maneiras, especialmente dinheiro.

Austen é realista, mostrando que nenhum casal vive só de amor, mas ela também expõe a ambição humana, muitas vezes colocando seus próprios sentimentos à frente do ganho financeiro. Os personagens falam sobre ganhos

e perdas o tempo todo. Razão e Sensibilidade mostra que muitos casamentos na época aconteciam apenas por ganhos financeiros.

Uma parte bem irônica, ainda mais hoje, que os personagens não trabalham apesar de todo dinheiro que importa. É até engraçado que Edward reclame que sua família nunca o "deixou" escolher uma carreira para si mesmo, o que documenta claramente como a classe alta britânica realmente achava que o trabalho não era digno de sua posição na época, embora o dinheiro sempre fosse o principal e o centro de suas razões de conversação para interagir com eles.

Embora Orgulho e Preconceito tenha sido publicado depois de Razão e Sensibilidade, na verdade foi escrito antes. As semelhanças entre essas duas obras incluem a falta de fortuna das protagonistas (o que afeta a escolha de um marido e um bom casamento), personagens introvertidos, revelações sobre o caráter de alguns personagens que eram considerados decentes, rompimentos amorosos e protagonistas masculinos reservados, mas apaixonados.

Encontramos personagens de Orgulho e Preconceito e Razão e Sensibilidade com o senso da razão bastante presente, como Elinor Dashwood (Razão e Sensibilidade) que assumiu o lugar de seu pai após a sua morte, cuidando do financeiro e do bem-estar de sua mãe e irmãs. E como Elizabeth Bennet (Orgulho e Preconceito) que nunca deixa de dizer o que pensa e tem uma personalidade extremamente forte e um tanto à frente do seu tempo.

Elizabeth Bennet, sobre a qual falaremos mais a frente, é uma mistura entre as irmãs Elinor e Marianne Dashwood, apesar da sua sensatez, ironia e orgulho, ela consegue manter um equilíbrio entre as respostas racionais e emocionais. Por outro lado, as irmãs Dashwood, encontram já no final da história um equilíbrio relacionado aos sentimentos. Elinor pela razão e Marianne que é disposta a morrer por amor, pela sensibilidade.

A VISÃO SOBRE O CASAMENTO E A VIDA SOCIAL DAS MULHERES EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN

Os conceitos de masculinidade e feminilidade são construções históricas,

fruto das relações sociais. A maioria das sociedades proclama a existência de papéis distintos para homens e mulheres, onde cada papel representa um papel social e se alterna com outro. Pode-se dizer que homens e mulheres vivem em universos separados, mas suas relações se entrelaçam nas esferas pública e privada. No entanto, não devemos esquecer que a literatura cósmica nos conta as histórias de homens e mulheres. É justamente por isso que podemos entender como a relação entre os dois se estabelece pelo olhar do autor. A perspectiva do universo feminino é basicamente a de um masculino, e como o personagem do autor é inerentemente masculino, pode-se esperar que certa quantia seja deixada após a morte do pai.

A lei mantém o direito de primogenitura de que apenas a criança é do sexo masculino e, se não houver homem na família, a herança é passada para o parente masculino mais próximo, de modo que todos os bens e fontes de renda da família estejam sempre em nome de uma pessoa. Da mesma forma, gerações. Como resultado, não há muitas opções para as meninas sobreviverem em seus últimos anos, optarem por se casar ou até mesmo garantir a sobrevivência básica, porque não têm permissão para trabalhar. Qualquer profissão, mesmo governanta, era considerada degradante, mesmo entre a classe média ou cavalheiros, como era classificado no tempo de Jane Austen. Nos séculos 18 e 19, não se esperava que as meninas tivessem qualquer iniciativa para avançar seus estudos além do básico. Enquanto eles têm uma enorme biblioteca e um tutor, as famílias cuidam do ensino por conta própria.

As habilidades que as meninas desejavam naquela época estavam basicamente relacionadas a conhecimentos que poderiam ser utilizados no campo do memorando familiar, tais como: conhecimentos básicos de língua, geografia e história, música, desenho ou pintura, bordado e dança. Os principais idiomas que as meninas aprendem são o francês e o italiano, principalmente para que possam traduzir músicas, curtir músicas e poder cantar. O conhecimento relacionado à geografia e à história fornece uma base para futuras discussões de outros países. Por outro lado, ser uma boa pianista atrai muita atenção, principalmente de futuros pretendentes; assim, a garota poderá receber visitantes em sua futura casa. As meninas da casa, mesmo com alto poder aquisitivo, querem ter habilidades relacionadas à pintura e à pintura em aquarela.

Ser uma excelente bordadeira é motivo de orgulho para a família da menina ou para o marido, pois seus bordados podem ser expostos na sala de estar.

No final das contas, a dança era um elemento muito importante na vida de qualquer menina na época, pois a dança proporcionava a oportunidade de conhecer e conversar com outros meninos. A maioria das meninas pratica dança com suas irmãs até serem apresentadas à sociedade. À vida social é guiada por regras de conduta, etiqueta e padrões morais. A maioria dos britânicos vive no campo, onde as chances de as regras serem quebradas são pequenas. Mesmo em Londres, é quase impossível alguém não socializar, já que a maioria das famílias tem hábitos semelhantes quando vão às grandes cidades em determinadas épocas do ano. Tanto as meninas quanto os meninos devem cumprir as regras impostas, especialmente se o objetivo for o casamento. A primeira observação que deve ser feita é sobre o emparelhamento: inicialmente o menino deve descobrir se existe uma menina na família que ele deseja perseguir.

Quando uma mulher é casada, suas obrigações se limitam a estabelecer um bom relacionamento com a governanta, planejar o cardápio diário das refeições e jantares, instruir os empregados, ajudar os mais pobres e doentes, reformar a casa e ensinar os filhos a ler e escrever (se forem pequenos demais para ter uma governanta) e outras responsabilidades. Do ponto de vista financeiro, e do ponto de vista das mulheres, o casamento é visto como uma tábua de salvação para as mulheres que não têm renda familiar e não querem viver na pobreza. O casamento por amor é raro, por isso prevalecem os casamentos com interesses masculinos e financeiros como objetivo principal. O casamento é um "acordo" entre famílias. Os mais ricos estão interessados em aumentar ainda mais sua renda e posses; os mais pobres viram progresso social. Jane Austen, que acabou não se casando, era muito dependente financeiramente da situação de seu irmão rico.

‘Orgulho e Preconceito’ exhibe determinadas ideias conservadoras, como mulheres dominadas aos homens ou famílias estruturadas pelo patriarcado. A obra de Austen é regularizada basicamente pelo brado feminino, quer seja como uma atitude de adaptar-se a posição da mulher na sociedade ou mostrar sua circunstância por meio do ponto de vista narrativo. A analogia feminina nos livros

da autora é constituída através da construção dos personagens, principalmente através da consciência própria de cada personagem contra o sistema patriarcal. De modo óbvio, não se deve levar em descrição todos as personagens femininas dos livros de Austen, pois muitos possuem apenas papel figurativo ou intrínseco. Não existe com excesso detalhamento do que se acerta em suas cabeças. Contudo, é a personagem principal, Elizabeth Bennet, que na pluralidade dos casos concebe a 'voz feminina'. O alvo do aspecto narrativo é comum para afeiçoar-se o ambiente das mulheres na sociedade ou evidenciar a situação de vida de ampla parte delas. Ao crescer suas personagens, Austen faz com que estas advenham por circunstâncias que podem levá-las ao desenvolvimento intelectual e racional.

Ao trazer o enfoque para suas heroínas, Austen confia dar uma 'voz feminina' a todas elas, relatando situações coloquiais dessemelhantes, mas sem perder a noção de retratar a sociedade de sua época, e criticá-la de maneira sutil através de ironia e humor, e personagens criados com a intenção de representar as esferas sociais. Até mesmo as personagens que acabam seguindo um padrão mais convencional de atitudes e pensamentos, são exemplos de comportamentos esperados naquela sociedade. Sem descrever, que há um sensato 'toque' de revelação ao criar personalidades como a senhora Bennet, a amiga Charlotte Lucas, Mary Bennet, entre outras.

Um bom exemplo de mulher racional, na obra de Austen, é Elizabeth Bennet (*Orgulho e Preconceito*). O casamento ainda era visto como uma instituição econômica, apesar dos finais felizes, as mulheres de Austen ainda se casavam para manter um *status quo*. Sobre o momento da época que se diz a respeito sobre o casamento ser importante nos romances, o foco principal de Austen é a situação da mulher na sociedade inglesa de sua época. Em todos os livros, Austen prefigura as mulheres convivendo em uma sociedade onde a educação não libertava as mulheres, apenas reduzia ainda mais a situação feminina. O casamento é crucial porque é a única forma compreensível de auto definição para donzelas de sua época, porém, suas heroínas visam proporcionar, em graus diferentes, bem-estar aceitável para desejarem um casamento por afeição e não apenas por comodidade financeira.

A VISÃO DAS PERSONAGENS ORGULHO E PRECONCEITO

O romance é direcionado a uma comédia de costumes local, de acordo com a realidade vivida da época em que se passa o conto. Austen adota como base suas admirações da época em que conviveu com o contexto do costume da mulher na sociedade, transporta o leitor a um exame de seu momento pelo meio de finas escárnios e humor até mesmo sarcástico. Vivien Jones (1997: 50), distingue os romances de Austen como:

“...comédias românticas. Ou seja, elas são estórias de amor com finais felizes. ‘Comédia’ aqui não é usada apenas para sugerir algo que nos faça rir, embora os romances de Austen façam isso muito bem, mas como o oposto de ‘tragédia’. Em outras palavras, uma positiva e celebrativa visão da vida, representando felicidade e ideais como possibilidades. Os romances de Jane Austen são frequentemente comparados às comédias de Shakespeare, e se você está familiarizado com elas percebe que terminam de maneira semelhante, com casamentos simbolizando reconciliação e harmonia.”

De concordata com Lima (2009: 02) “Austen nos mostra como o amor entre os protagonistas foram capazes de superar as barreiras de orgulho e preconceito da diferença social entre eles e do escasso poder de decisão concedido à mulher na sociedade da época”. A figura dramática central da obra, Elizabeth Bennet, tem uma originalidade intensa e é um ser dona de uma independência suficiente para almejar um matrimônio por amabilidade e não exclusivamente por conforto financeiro. Há duas inclusões a indicativa do matrimônio que podem ser adaptar-se na obra: a visão antiga ou requintada, que via a aliança como uma aliança entre as famílias e uma garantia financeiras para as mulheres; já a visão atualizada e burguesa, vê o casamento como um direito de escolha do sujeito.

Alterando em atendimento tais exteriores, podemos meditar a obra sob o aspecto da constituição da analogia feminina de lado a lado do casamento e é por meio deste viés que irá consistir em suma a análise das principais personagens do livro. Sob este alvo de aspecto da sua visão de casamento ideal, Elizabeth é uma heroína à anverso de sua ocasião pois recusa o pedido de Mr. Collins, por se tratar apenas de um arranjo familiar para que a herança de seu

pai não saísse das mãos da família. Porém, seria um casamento arranjado, sem amor. E isso vai inteiramente versus a espectro de prosperidade que os papéis principais dos livros de Austen ambicionam. O romance é visto, essencialmente, sob a visão de Elizabeth e a personalidade mais forte da trama tem “o poder de entrar na cabeça no narrador, induzindo-o a narrar suas emoções e apreciações, além de conseguir penetrar na consciência do personagem” (Andrade, 2013).

A mãe de Elizabeth Bennet, não vê a hora de suas cinco filhas se casarem, para abonarem, especialmente uma situação financeira razoável no futuro. Esta personagem, muitas vezes interpretada como uma senhora obstinada pelo casamento de suas filhas, onde a segurança financeira através do casamento é uma espécie de tábua de salvação. Entretanto, não se pode deixar de levar em estima, que a matriarca da família Bennet, não é basicamente uma mulher interesseira, ela realmente está preocupada com o futuro de suas filhas e obviamente conhece muito bem a situação das moças que não se casam e acabam sendo empecilhos para a família. Como naquela época as mulheres não podiam trabalhar, a garantia de alento estar amarrado única e tão-somente de um bom casamento. Caso isso não acertasse, família deveria prover a mulher solteiro até o final de sua vida.

A influência do pensamento de Mrs. Bennet influencia tanto as filhas, que a mais jovem acaba se envolvendo em um escanda-lo que mancharia o bom nome da família. Lydia Bennet foge com Wickham e, no contexto onde a obra está inserida, dá origem a uma série de vexames familiares e possível seria alvo de escárnio da sociedade se não fosse ‘salva’ pelo dote que Mr. Darcy paga a Wickham para que ele se case com a moça. Apesar de ser motivada pela atração que sente por Wickham, Lydia se aventura e acaba selando seu futuro ao achar que aquele seria um casamento feliz. A filha mais velha da família Bennet, Jane, acaba passando se casando por amor e com o marido muito bem financeiramente. É um exemplo de casamento muito parecido com contos de fada.

No livro há também uma jovem que para os padrões da época, já era considerada um caso perdido por estar ‘velha’ demais para se casar. Charlotte Lucas, a melhor amiga de Elizabeth Bennet, acaba se beneficiando da recusa

de Elizabeth ao pedido de casamento de Mr. Collins. Charlotte posteriormente acaba aceitando um pedido de casamento de Mr. Collins, puramente por convenções sociais estabelecidas para lhe assegurar uma segurança financeira.

O casamento dos dois é uma espécie de 'acordo', onde ele, um jovem pároco, vê a necessidade de se casar para manter a reputação perante os fiéis da igreja onde trabalha. Ela, por sua vez, se casa para não ser um estorvo para sua família. Apesar de ter se casado, o marido de Charlotte "não era nem inteligente nem agradável; sua companhia era maçante, e seu amor por ela, provavelmente imaginário" (Austen, 2012: 165).

A personagem conseguira a proteção financeira por meio do casamento sem amor, ainda que "aos vinte e sete anos de idade, sem nunca ter sido bonita, percebia quanta sorte tivera" (Austen, 2012: 165) Charlotte sabe muito bem a opinião que a amiga Elizabeth tem a respeito deste tipo de casamento por interesse, sabia o quanto a amiga ficaria surpresa com a notícia do pedido do casamento. Mesmo que sua decisão fosse inabalável, Charlotte ficaria extremamente magoada com a desaprovação da amiga, então decidiu contar a notícia a ela pessoalmente.

Entretanto, o espanto de Elizabeth não poderia ter sido maior: "- Noiva do Sr. Collins" Minha querida Charlotte... é impossível" (Austen, 2012: 168). Elizabeth, ao perceber o quanto a magoaria, decidiu contornar a situação desejando felicidades à amiga, apesar de não conseguir entender como Charlotte seria capaz de "sacrificar todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas" e sentia imensa dor ao vê-la "rebaixar-se e cair em sua estima" somando-se a "dolorosa convicção de que era impossível a amiga ser razoavelmente feliz com o destino escolhido" (Austen, 2012: 168). Charlotte, por sua vez, sabe muito bem que seu comportamento é algo inexplicável para Elizabeth, e tem uma certa dificuldade em mostrar para a amiga que sua escolha foi racional:

"você sabe que não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e, considerando o caráter, as relações e situação financeira do Sr. Collin, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial" (Austen, 2012: 168)

As visões de casamento representadas por Charlotte e Elizabeth são versões do que foi estabelecido logo no início da história, com muitas palavras das duas a respeito de suas opiniões. Enquanto Charlotte se interessa por um 'lar confortável' e observa como uma postura oposta a da amiga, Elizabeth deseja uma união onde o casal tem igualdade e intelectualidade respeitada. De acordo com Jones (1997), o que Elizabeth chama de casamento feliz, onde há afeição e compatibilidade entre o casal, Charlotte presume que seja apenas romantismo.

A própria visão que Elizabeth tem de Mr. Darcy vai se transformando ao longo do livro e está relacionado com o ideal de felicidade. Ao visitar a propriedade de Pemberley, pertencente a Darcy, Elizabeth se espanta não somente pela grandiosidade do local, mas também pelo fato de ele ser um senhorio amado por seus empregados a ponto de uma criada enfatizar que "(...) ele é o melhor senhorio e o melhor patrão" (Austen, 2012: 316) e a tia de Elizabeth concluir que Mr. Darcy enquanto irmão, como senhorio, como patrão, ela considerava o quanto dependia dele a felicidade de tantas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na reflexão, percebe-se que o livro *Orgulho e Preconceito* desempenha um papel importante na sociedade, pois o romance é visto pelos pensamentos, sentimentos e opiniões de uma mulher, Elizabeth Bennett, que é a protagonista, e impulsionou uma mudança na forma de encontrar mulheres. Com isso, impõem-se diferenças sociais, como a forma de vestir, a educação e a escolha do marido.

A obra de Austen mostra que há mais de dois séculos as mulheres já pensavam que limitar-se ao papel matriarcal previamente estabelecido não era a única garantia de vida plena. Mesmo havendo amor na construção de um relacionamento, as protagonistas revelavam outros anseios, como a busca pelo

conhecimento e aceitação social, bem como, ainda que de maneira mais sutil, uma luta pelo empoderamento feminino, tão difundido nos tempos atuais.

REFERENCIAS

AUSTEN, Jane, “**Orgulho e Preconceito (Pride and Prejudice)**”, Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril, 2010.

BRINK, A. **The Novel: Language and Narrative from Cervantes to Calvino**. Cape Town: University of Cape Town Press, 1998 BUTLER, M. Jane Austen And The War of Ideas. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1975, Re-impressão: 2002.

CANDIDO, Antonio. “**A Personagem de ficção**”. São Paulo, Perspectiva, 2007.

Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira, 1998.

MACEDO, E. Currículo e competência. In: LOPES, A.; MACEDO, E. Disciplinas e integração curricular: história e políticas. Rio de Janeiro: DP& A, 2002. p. 115-143.

MADALEN, Rolf. Direito de família. 9.ed. Porto Alegre: Editoria Forense, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, Etienne G. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

PINTO, C. R. J. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTO, Pedro Rui da Fontoura. Violência doméstica e familiar contra a mulher: análise crítica e sistêmica. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. “ Dez Lições Sobre o Romance Inglês do Século XVIII”. São Paulo: Bomtempo, 2002.

